

O “cavaquinho” nos Açores: um estudo historico-cultural preliminar.

Nuno Cristo © 2016

Pouco se conhece sobre a prática de um cordofone com o nome “cavaquinho” no arquipélago dos Açores, embora a designação apareça em rótulos de cordofones sobreviventes fabricados em S. Miguel talvez c. 1850, tanto quanto sei, os mais antigos encontrados em Portugal. Ainda estará por fazer um levantamento organológico exaustivo das primeiras pesquisas de campo efectuadas por Artur Santos nas ilhas Terceira, S. Miguel e Santa Maria entre 1952 e 1965 (citado Cruz 2005[?]: 41-49),¹ no entanto, suspeito que será parca a presença do cavaquinho. A mais antiga referência ao cavaquinho no arquipélago dos Açores que consegui encontrar, está contida numa quadra da canção “As Velhas” recolhida por Gervásio Lima (1876-1945) na ilha Terceira, talvez no início do século XX (citado Ferreira 2010: 326)²:

Elas tocavam viola.
Rabeca e cavaquinho;
E quando a mestra apitava
todas davam um saltinho.³

Também no contexto da música regional açoriana, J. M. Bettencourt da Câmara (1980: 49-50)⁴ menciona que o instrumental de acompanhamento da Chamarrita é “viola da terra e violão, aos quais antigamente se juntava o cavaquinho”. No entanto, não é claro a que período Câmara se refere; talvez finais do século XIX? ou a primeira metade do século XX?

¹ Cruz, Cristina Brito da. 2005[?] “Artur Santos e a Etnomusicologia em Portugal (1936-1969)” in *APEM/Estudos* [41-49]. Texto actualizado da dissertação de Mestrado em 2001, FCSH-UNL. Gravações em S. Miguel (1952-3 e 1959-60) em Santa Maria (1958) (p. 41); Trabalho de campo na Terceira, S. Miguel e Santa Maria entre 1952 e 1965 (p. 43).

² Ferreira, Manuel. 2010. *A Viola de Dois Corações*. (2ª ed.) Ponta Delgada: Publiçor.

³ A totalidade da letra foi registada por Luís da Silva Ribeiro (1882-1955) e publicada numa antologia das suas obras: Ribeiro, Luís da Silva. 1983. *Obras-II-História*. Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo (p. 549).

⁴ Câmara, J. M. Bettencourt da. 1980. *Música Tradicional Açoriana: A Questão Histórica*. Biblioteca Breve Vol. 56. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Em 1986, Ernesto Veiga de Oliveira⁵ refere que em Pedro Miguel, Faial se faziam cavaquinhos apenas por encomenda de continentais ali em cumprimento do serviço militar, sendo aqueles dum tipo comparável aos “de Lisboa e Algarve, e Funchal” (4 cordas singelas, escala elevada e prolongada sobre o tampo com 16 a 17 trastos). Veiga de Oliveira também menciona no Pico, o Padre Joaquim Rosa de S. Mateus que com mais de 80 anos em 1963 tinha tocado, enquanto jovem na Praínha do Norte, um cavaquinho de escala rasa.⁶ E este autor dá-nos ainda a notícia, citando Jacinto Monteiro (1982: 85) de um moleiro de Santa Maria que costumava entreter os fregueses tocando cavaquinho (1986: 21-22).⁷

Existem algumas referências de autores anteriores que poderão estar ou não relacionadas com a presença do cavaquinho nos Açores, embora sejam no mínimo obscuras; o dicionário de Ernesto Vieira (1899: 321) descreve um “machete” popular “muito usado” nos Açores;⁸ Michel’ Angelo Lambertini (1902: 63-4) menciona um “braguinha” de 6 cordas usado nos Açores afinado em ré, si, sol, ré, si, sol (agudo para o grave)⁹ (citado Morais 2011: 10).¹⁰ Um ano mais tarde, Teófilo de Braga escreve “a viola açoriana chamada Braguinha, e na Madeira Viola de Braga, conserva o nome do antigo instrumento Rota de Brachio, produzindo-se pela homofonia a ilusão de se atribuir à cidade de Braga a originalidade desse instrumento, o que se não comprova”¹¹ (citado Ferreira 2010: 56). Em 1958, Vitorino Nemésio publica a quadra “Eu ia por aqui abaixo/ Com o meu machete, trás trás.../ Oh que linda rapariga/ Para mim que sou rapaz!” e informa que “O machete ainda hoje parece que se usa na Madeira. É a viola do vilão”

⁵ Oliveira, Ernesto Veiga de. 1986. *Instrumentos Musicais Populares dos Açores* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Música.

Na realidade este trabalho de campo de Veiga de Oliveira data de 1963.

⁶ Esta informação situa a prática do “cavaquinho” na ilha do Pico talvez ainda no século XIX, e portanto antes da mencionada letra de “As velhas” da Terceira.

⁷ Monteiro, Jacinto. 1982. *Memórias da Minha Terra*. Santa Maria.

⁸ Vieira, Ernesto. 1899 [1890] *Diccionario musical contendo todos os termos technicos... ornado com gravuras e exemplos de música*. ed. Pacini (2ª ed.). Lisboa: Lambertini, Typ Lallemand. <http://purl.pt/800> Acessado 31 de Outubro, 2013.

⁹ Lambertini, Michel’ Angelo. s.d. [1902]. *Chansons et Instruments. Renseignements pour l’étude du folklore portugais*. Lisboa: Lambertini.

¹⁰ Morais, Manuel. 2011. *O Machete Madeirense*.

¹¹ Braga, Teófilo de. 1903. *Album Açoriano*. Lisboa (p.14).

(citado Ferreira 2010: 152).¹² Já em 1981, o Tenente Francisco José Dias menciona o “Machete, viola requinta ou cavaquinho”¹³ (citado Oliveira 1986: 11, 21). José Alfredo Ferreira Almeida (1990: 62; 2010: 83 quadro 2) menciona a designação “machete” como sinónimo de “meia-viola” ou “requinta”, redução da “viola de dois corações” de acordo com informação obtida junto do violeiro Adelino Vicente (1935-1999) que chamava “viola-violão” ao maior dos tamanhos do cordofone micaelense.¹⁴ Como Nemésio e o Tenente Dias, também Almeida sentiu a necessidade de desvendar o significado da palavra “machete” como variante de viola pequena. Almeida nota ainda que as dimensões dadas por Adelino Vicente parecem ser inferiores ao das “meias-violas” mencionadas por alguns tocadores, de que não viu qualquer exemplo (2010: 84). É curioso que embora Almeida mencione o Tenente Dias, nunca relaciona o nome “machete” com esse autor. De acordo com dados biográficos, Francisco José Dias trabalhou no Funchal de 1959 a 1961 onde poderá ter assimilado a designação de “machete” para viola pequena.¹⁵

Um grande mal entendido:

Jorge Dias (1967 [1963]: 338 nn. 5; 7)¹⁶ cita dois dicionários anglófonos que mencionam duvidosamente o “machete” nos Açores.¹⁷ Na 3ª edição do *Harvard Dictionary of Music* pode-se ler: “much used in the Azores, is the *machete*, which is the

¹² Nemésio, Vitorino. 1958. *Conhecimento de Poesia*. Universidade da Bahia (p.63).

O texto em questão foi na realidade escrito em 1943. Nemésio não indica a origem da quadra, no entanto ela é muito semelhante a uma outra da região do Porto publicada em 1905 por Alberto Pimentel: “Hei de ir ao Senhor da Pedra/ Co’o meu machinho traz traz./ Procurar as raparigas./ Para mim, que sou rapaz.” Sobre “machinho” este autor diz ser “Pequena viola; é o que em Lisboa se chama <<cavaquinho>>” (Pimentel, Alberto. 1905. *As Alegres Canções do Norte* (p. 195 n.1). Não obstante, os dois últimos versos da quadra aparecem na letra da Sapateia (Flamengos, Faial) publicada por Júlio de Andrade em 1960 (*Bailhos, Rodas e Cantorias*). E numa outra versão, “Mas que linda rapariga/ Para mim que sou rapaz” na letra da Sapateia de Cadeia (Pico), em registo fonográfico de Cunha Oliveira; ambas citadas por Tenente Dias no CD-ROM *Cantigas do povo dos Açores*. Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo)/ Instituto Cultural de Ponta Delgada. Será a quadra de Nemésio uma sua adaptação da publicada por Pimentel tendo por base o cancionário açoriano?

¹³ Dias, Tenente Francisco José. 1981. *Cantigas do Povo dos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura.

A designação “viola requinta” refere-se a uma viola de tamanho reduzido afinada uma quinta acima da viola.

¹⁴ Almeida, José Alfredo Ferreira. 2010. *A Viola de Arame nos Açores* (2ª ed.) Ponta Delgada: Publiçor

¹⁵ Enes, Carlos. 2005. “Francisco José Dias, uma vida dedicada à música” in CD-ROM *Cantigas do povo dos Açores*. Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo)/ Instituto Cultural de Ponta Delgada.

¹⁶ Dias, Jorge. 1967 [1963] “O Cavaquinho. Estudo de difusão de um instrumento musical popular” in *Revista de Etnografia* Vol. VIII, Tomo 2. Junta Distrital do Porto: 337-359.

¹⁷ Apel, Willi. 1944. *Harvard Dictionary of Music*. Cambridge, Mass. (p. 313); Colles, Henry Cope. 1927. *Grove’s Dictionary of Music and Musicians* Vol. III, K-O. Macmillan (p. 270).

ancestor of the modern *ukulele*” (1972: 363).¹⁸ No *The Harvard Concise Dictionary of Music and Musicians* aparece a variante: “The *ukulele* is a descendant of the Portuguese *machete* of the Azores.” (1999: 275).¹⁹ Como em Lambertini (1902: 63-4), estas menções parecem confundir os Açores com o arquipélago da Madeira, noção que poderá ter tido origem em Vieira ao descrever o “machete” como:

Pequena viola que o vulgo de Lisboa chama *cavaquinho*, instrumento popular que nas ilhas dos Açores é muito usado. Tem exactamente as mesmas formas que a viola franceza, porem com as dimensões reduzidas a um terço ou pouco mais. O ponto é dividido em dezeseite tastos; arma-se com quatro cordas de tripa afinadas em quintas como o bandolim e o violino: mi, la, re, sol. (1899 [1890]: 321)

O que parece ser uma óbvia alusão ao “machete” madeirense com a afinação já mencionada por um visitante americano em 1843 (citado Moraes 2011: 6).²⁰

No caso da referência do Tenente Dias, a questão parece complicar-se ainda mais; algo que aliás não passou despercebido a Veiga de Oliveira, que ao mencionar os cavaquinhos de escala elevada feitos em Pedro Miguel, Faial, expõe a dúvida: “não sabemos se este instrumento é o mesmo que o ‘machete’ ou ‘viola de requinta’ referida pelo Tenente Dias” (1986: 21-2).

Tentando organizar os vários tamanhos de “viola da terra” (micalense) e suas designações, o Tenente Dias (1981: 589), enuncia na alínea “ 4) Machete, viola requinta ou cavaquinho” e preocupa-se em explicar a natureza do nome “machete” utilizando a controversa, senão mágica, solução etimológica de Vieira (1899 [1890]: 322, 324): “diminutivo de *mache* (v. *Manche*), com supressão do *n*.” sendo “*Manche*” o nome antigo da “*viola franceza* ou *violã*”.²¹ Ao descrever a “viola requinta”, o Tenente Dias adiciona ainda uma outra designação, a de “machinho”, reproduzindo “sons à oitava superior”, com “16 tastos” e “4 cordas duplas, afinadas em quintas, como no Bandolim: - Mi, Lá, Ré, Sol.”; ao que parece mais uma vez inspirado em Vieira (1899 [1890]: 321-22), mas adaptando a noção a ordens de cordas duplas.

¹⁸ Apel, Willi. 1972 [1944 e 1969] *Harvard Dictionary of Music* 3ª ed.

¹⁹ Randel, Don Michael. 1999, *The Harvard Concise Dictionary of Music and Musicians*.

²⁰ John Adams Dix (1798-1879), *A Winter in Madeira: and a Summer in Spain and Forence*. New-York: William Holdrege, 1850; New-York: William Holdrege, 1851, 2.ª ed.; New-York: D. Appleton & Company, 1853, 5.ª ed.

²¹ A primeira referência a um “machete” que se conhece data de 1716, época em que não existia ainda a “viola francesa”.

Vale a pena apresentar aqui uma cronologia geografico-tipológica das designações atrás debatidas:

“machinho”:

A designação “machinho” é bastante mais antiga que todas as outras conhecendo-se desde c. 1660 num verso do poeta baiano Gregório de Mattos que estudou em Coimbra (citado Budasz 2001: 30).²²

“machete”:

A designação “machete” existe em Portugal continental desde pelo menos 1716.²³ No Brasil importavam-se “machetes de tocar” em 1766 (Santos 1993: 230).²⁴ Na Madeira surge no ano de 1838 a primeira menção a “machete” pela pena de Mrs. Wood (citado Morais 2008: 45-46).²⁵

“cavaquinho”:

A primeira referência que se conhece a um cordofone chamado “cavaquinho” aparece em 1822 numa obra de Adrien Balbi, situando a sua invenção no Rio de Janeiro e descrevendo-o como uma pequena “viole française” (cited in Morais 2008: 85 n.63).²⁶ Em 1854, Isabella de França registou ter observado no Funchal um “cavaquinho” típico do Porto com seis cordas (cited Morais 2008: 43).²⁷ A partir de meados do século XIX a

²² Mattos, Gregório de. 1990. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Record (p. 47).

Budasz, Rogério. 2001. “The Five-course Guitar (Viola) in Portugal and Brazil in the Late Seventeenth and Early Eighteenth Centuries.” Tese de doutoramento, Faculty of the Graduate School, University of Southern California.

²³ Bluteau, Raphael. 1716. *Vocabulario Portuguez & Latino*. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. Vol. V (p. 234).

²⁴ Santos, Corcino Medeiros dos. 1993. *O Rio de Janeiro e a Conjuntura Atlântica*. Expressão e Cultura. https://books.google.ca/books?id=vEWGAAAIAAJ&q=machetes+ditos+de+tocar&dq=machetes+ditos+de+tocar&hl=en&sa=X&ved=0CE4Q6AEwBG0VChMIyb6Fj_v_AIVgigeCh2IvODP Acessado 14 de Abril, 2016.

“Pauta que vigorou de 1766 a 1799/ Pauta Velha” (p. 261).

²⁵ *A Great-Niece's Journals: Being Extracts from the Journals of Fanny Anne Burney, Mrs. Wood, from 1830 to 1842*. Edited with preface and notes by her grand-daughter Margaret S. Rolt. Boston: Houghton Mifflin Co, 1926; London: Constable & Company Ltd., 1926. (p. 198).

²⁶ Balbi, Adrien. 1822. *Essai Statistique sur Le Royaume de Portugal et D'Algarve*. Vol II Paris: 213 [ccxiii]

<https://books.google.ca/books?id=b4X2aoLrciYC&printsec=frontcover&dq=Essai+Statistique+sur+Le+Royaume+de+Portugal+et+D'Algarve.&hl=en&sa=X&ei=MU9MVYqIN8mDyQSI94DIBg&ved=0CCEQ6AEwAA#v=onepage&q=Essai%20Statistique%20sur%20Le%20Royaume%20de%20Portugal%20et%20D'Algarve.&f=false> Acessado 8 de Maio, 2015.

Morais, Manuel. 2008. “Os Instrumentos Populares de Corda Dedilhada na Madeira.” In *A Madeira e a Música: Estudos (c. 1508-c.1974)*. Funchal 500 Anos [23-97] <http://en.calameo.com/read/000019422bebb33e32c47> Acessado 8 de Novembro, 2015.

designação “cavaquinho” passa a figurar em rótulos de instrumentos feitos em Ponta Delgada, Lisboa, Porto(?) e nos finais de 1800s também no Funchal.²⁸ Alguns exemplares sobreviventes, tanto do continente como das ilhas, serão talvez do tipo original de “cavaquinho” com a forma francesa, seis cordas singelas de tripa; outros têm apenas quatro cordas singelas também de tripa.²⁹

“braguinha”:

A mais antiga menção de “braguinha” que conheço aparece numa sextilha da Dança de Espadas da Ribeira Brava encontradas no periódico *O Direito* de 1887 (citado Fernandes 2000: 108)³⁰: “E depois a musicata/ Que precede aquella dança!.../ Rajão, viola, pandeiro/ instrumentos de chibança;/ E o clássico braguinha;/ Oh que bella fadista!” Neste caso, o “braguinha” parece ter um estatuto musicalmente mais erudito do que os restantes instrumentos mencionados.

²⁷ França, Isabella de. 1854. *Journal of a Visit to Madeira and Portugal (1853-1854) / Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal (1853-1854)*. Translation by Cabral do Nascimento. Notes and comments by Santos Simões. Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo da Madeira, 1970, 2 vols. (Vol. I, p. 138) http://nesos.madeira-edu.pt/fr_imagens_livro.cfm?cod_livro=561

²⁸ Rótulo de decacórdio (c. 1850) pertencente a Manuel Morais: "N.º 2170 / Luiz José Nunes & F.os / Fabricantes / de / Violas, Rebecas, Cavaquinhos / Guitarras, Violões etc. / Rua do Meio N.º 14 Ponta Delgada / S. Miguel" www.facebook.com/OMacheteMadeirense/photos/pb.477559328962657.-2207520000.1412971231./483035038415086/?type=3&permPage=1 Acessado 10 de Outubro, 2014. Rótulo de tetracórdio (1850-1900), Jeronymo José dos Santos, Lisboa. Museum of Fine Arts, Boston (17.1751): “Jeronymo José dos Santos/ Fabricante de Violas/ Francezas, Guitarras e Cavaquinhos/ com loja no/ Largo da Annunciada N° 20/ Lisboa” <http://www.mfa.org/collections/object/treble-guitar-cavaquinho-50288> Acessado 7 de Outubro, 2014.

Rótulo de tetracórdio, “cavaquinho” (finais de 1800s), António Quintal Jr., Funchal. Museu da Música (MM357): “[António Quintal Ju] nior [?] rabecas, vio[las] / [?] cavaquinh[os] / [?] modicidade de / [preços ?] / [arran] jam-se quaisquer ins- / [trumentos] / [Rua] dos Tanoeiros, [N.º] 58 / [Funch] al - Madeira.” <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=40309> Acessado 16 de Junho, 2014.

²⁹ Hexacórdio, “cavaquinho” (c.1850), João José de Sousa, Lisboa. Museu Nacional de Etnologia (BB361) [caravelhal em forma de 8 com aberturas, 6 cordas singelas, escala em ressalto prolongada com 17 trastos, cavalete tipo violão] <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=85574> Acessado 7 de Outubro, 2014.

Hexacórdio (c.1865), Manuel Pereira, Lisboa. Museu Nacional de Etnologia [caravelhal em forma de 8, 6 cordas singelas, escala em ressalto prolongada com 17 trastos, cavalete de pinos] <http://www.cavaquinhos.pt/pt/CAVAQUINHO/Cavaquinho%20PT%202.htm> Acessado 5 de Maio, 2015.

³⁰ *O Direito*, N°1809, 29 de Junho, 1887.

Fernandes, Danilo José. 2000, “A Dança das Espadas na Madeira” in *Revista Xarabanda* 13, Anos 2000-2001[106-110].

“ukulele”:

A designação “ukulele” surge pela primeira vez impressa (sob a forma “ukelele”) numa publicação de Helen Mather em 1891, referente ao ano de 1889 no Havai (citado Tranquada e King 2012: 43, 196 n. 51).³¹

O estudo da presença do “cavaquinho” nos Açores, tem o seu início perfeitamente delimitado a partir do século XIX, época em que surge essa designação. Sendo assim, relacionar nomes como “machinho”, “machete” ou “braguinha”, pertencentes a outros períodos ou a diferentes geografias naquele mesmo século, em nada poderá contribuir para um conhecimento que se pretende o mais exacto possível. Que eu saiba, não existem quaisquer referências textuais ou representações iconográficas que possam confirmar, desde meados de 1800s, uma prática generalizada nos Açores de um cordofone denominado “cavaquinho”. Existem apenas os já mencionados escassos relatos pontuais do seu uso reduzido, os rótulos de instrumentos sobreviventes onde figura a sua designação, e o registo de um “cavaquinho” feito por Luís José Nunes Jr. na Exposição de Arte, Ciências e Letras Micaelenses em 1882, à época propriedade de António M. de F. Maia (citado Almeida 1990: 115).³² Quanto a um hipotético “machete” ou “braguinha” açoriano, a falta de evidência histórica parece sugerir haver um enorme equívoco ou muita especulação a esse respeito.³³

Exemplares sobreviventes:

No Museu de Vila Franca do Campo existem actualmente 4 pequenos cordofones; um tetracórdio de autor desconhecido com uma marca de queimadura no tampo, parecendo-se a um machete madeirense (caravelhal em forma de 8, cordas metálicas?, escala elevada prolongada sobre o tampo com 15 trastos, cavalete de pinos), os outros

³¹ Mather, Helen. 1891. *One Summer in Hawaii*. New York: Cassell Publishing Company (pp. 9, 160, 281). <https://books.google.ca/books?id=hWjxAAAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=One+Summer+in+Hawaii&hl=en&sa=X&ved=0ahUKEwiCwtrOj8LMAhVLHx4KHZCpDp4Q6AEIKDAA#v=onepage&q&f=false> Acessado 5 de Maio, 2016.

Tranquada, Jim and King, John. 2012. *The 'Ukulele: a History*. Honolulu: University of Hawaii Press.

³² “Catálogo da exposição de Artes, Ciências e Letras Micaelenses, Typografia Imparcial. Ponta Delgada 1882” in *MUHNAC Digital*. <http://digital.museus.ul.pt/items/show/2930> Acessado 29 de Abril, 2016.

³³ Tanto quanto sei as designações “machete” e “braguinha” nunca foram de uso comum entre as gentes dos Açores, nem figuram nos rótulos de instrumentos ali construídos. Além disso, a designação “machinho” nunca foi encontrada nas ilhas atlânticas.

três têm escalas rasas e curtas de 12 trastos; o mais recente de José dos Anjos F. (século XX?) tem 4 cordas singelas de metal e uma forma algo original, os restantes são de Luiz José Nunes & F.os (talvez c. 1850) um com 6 cordas singelas (metálicas?) - será este o “braguinha” mencionado por Lambertini? ou o “cavaquinho” original recém-chegado do Brasil? - e o outro com 5 pares de cordas (tripa?) idêntico a um instrumento do mesmo autor pertencente a Manuel Morais (caravelhal tipo viola, cavalete com 6 pinos, cavalete adicional flutuante).³⁴

No Museu Nacional de Etnologia em Lisboa existe um instrumento catalogado como “cavaquinho” (BB.357) feito no século XX por Ernesto da Costa em Vale Farto, Praia da Vitória, Terceira (4 cordas singelas, escala elevada e prolongada sobre o tampo com 17 trastos, cavalete tipo violão) (1986: 38 fig. 22). No entanto, este cordofone aparece designado como “ukulele” na obra de Veiga de Oliveira (1982: 206, 240 fig. 160).³⁵ De acordo com a ficha técnica no site MatrizNet, o instrumento BB.357 foi recolhido por Veiga de Oliveira entre 1960 e 1965, tendo custado 100\$00. As cordas são de nylon e o tiro de corda de 41,5cm; sendo um instrumento “incharacterístico, sem nenhuma difusão na ilha. Foi feito a pedido de um soldado Americano e segundo indicações de pessoas que conheciam o instrumento continental que leva este nome.”³⁶

Em termos historico-culturais, tudo parece indicar que um cordofone apelidado de “cavaquinho” nunca terá sido muito popular nos Açores, região insular onde sempre imperou a viola (aliás, este é um panorama comum a muitas áreas do continente). Embora fosse ali fabricado desde talvez c. 1850, como parecem comprovar rótulos de instrumentos, o cavaquinho nunca figura nas mais antigas imagens de agrupamentos musicais daquelas ilhas. Como poderemos então justificar a existência dos antigos pequenos cordofones do Museu de Vila Franca do Campo? Seriam eles destinados a outros mercados? É bem possível, pois instrumentos designados por “cavaquinhos” eram

³⁴ Ver nota 40.

³⁵ Oliveira, Ernesto Veiga de. 1982 [1966]. *Instrumentos musicais populares portuguesas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
<http://www.matrizpix.dgpc.pt/MatrizPix/Fotografias/FotografiasConsultar.aspx?TIPO PESO=2&NUMPAG=1®PAG=50&CRITERIO=cavaquinho&IDFOTO=40111> Acessado 8 de Abril, 2016.

³⁶ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=85568> acessado 28 de Abril, 2016.

exportados para França pelo menos desde 1844.³⁷ Seriam alguns destes feitos em S. Miguel?

Actualmente e talvez desde pelo menos 2000 existe ao que parece um crescente interesse pelo cavaquinho nos Açores, sendo de destacar a sua prática associada a grupos urbanos de divulgação e salvaguarda da música de raiz tradicional ou regional³⁸ e aos elencos do carnaval terceirense.³⁹ Também as folias do Espírito Santo têm contado com a participação de cavaquinhos.⁴⁰ Além disso, a maioria das tunas académicas da região, integram cavaquinhos nos seus elencos.⁴¹ Todavia, estes cavaquinhos parecem ser

³⁷ *Annales du commerce extérieur – Portugal, Juillet 1844 A Septembre 1872*. Département de l’Agriculture e du Commerce, Paris 1873 (p. 89)
<https://books.google.ca/books?id=UXQ-AQAAMAAJ&pg=PA88&lpg=PA88&dq=Guitares+Octavines&source=bl&ots=IB04I7q2a3&sig=v0HOy1ZJu3yOIRmeFL2WTOmbzDQ&hl=en&sa=X&ved=0ahUKewjKk7CEoKLMahUrvoMKHfqlAqkQ6AEIKTAD#v=onepage&q&f=false> Acessado 22 de Abril, 2016.

³⁸ Exemplos: Grupo Folclórico de São José da Salga, Salga, S. Miguel (desde 1950); Dispensa Os Companheiros de Rabo de Peixe, S. Miguel (desde 1984); Grupo de Cantares Belaurora, Capelas, S. Miguel (desde 1985); Grupo de Cantares “Sons do Vale”, Vale dos Flamengos, Faial (desde 1999); Grupo “Cantares d’Outrora”, Arrifes, S. Miguel (desde 2000); Grupo de Cantares da Vila de Nordeste, S. Miguel (desde 2002).

³⁹ Exemplos: Bailinho do Cantinho, São Mateus (2002); Bailinho do Grupo de Amigos de Santa Lúzia, Praia (2008); Bailinho da Sociedade da Fonte do Bastardo (2010); Dança do Pandeiro da Sociedade Lajense, Lajes (2010); Bailinho da Junta de Freguesia de Vila Nova (2016).

⁴⁰ Mello, José de Almeida. 2009. *Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada*. Ponta Delgada: Publiçor (p. 70). Uma fotografia das celebrações do Divino Espírito Santo em Ponta Degada em 2004, mostra dois músicos sem indumentária própria a tocar cavaquinhos (minhotos, um com boca de raia) junto de “foliões” vestidos a preceito.

Um outro exemplo, com músicos a tocar cavaquinhos e trajados a rigor na Folia da Covoadá, Ponta Delgada em 2015: <https://www.youtube.com/watch?v=eZBneXHYSMc> Acessado 16 de Maio, 2016.

⁴¹ Exemplos: Tuna Académica da Universidade dos Açores (TAUA), Ponta Delgada.

<http://tauafest.blogspot.ca/search?q=cavaquinho> Acessado 17 de Maio, 2016.

Tuna com elas, Universidade dos Açores, Ponta Delgada. <http://tunacomelas.weebly.com/galeria.html> Acessado 17 de Maio, 2016.

Tuna Académica Sons do Mar da Universidade dos Açores (TASMUA), Angra do Heroísmo.

<http://tunasonsdomar.blogspot.ca/p/fotos.html> Acessado 17 de Maio, 2016.

Tuna Universitatis Scientiarum Agrarium (TUSA), Angra do Heroísmo.

<https://www.facebook.com/756615401055378/photos/a.1033249440058638.1073741836.756615401055378/1033250173391898/?type=3&theater> Acessado 17 de Maio, 2016.

Musa & Tuna, Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo.

<https://www.facebook.com/TAFUA.Musa/photos/a.667258613297900.1073741828.666753493348412/667263366630758/?type=3&theater> Acessado 17 de Maio, 2016.

Tuna Académica da Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo (TAESEAH).

<http://taeseah.blogspot.ca/p/elementos.html> Acessado 17 de Maio, 2016.

Nobre Enfremagem Tuna Universitária nos Açores (NEPTUNA), Angra do Heroísmo.

<http://eternamenteneptuno.blogspot.ca/p/ab-aeterno.html> Acessado 17 de Maio, 2016.

Real Extudantina dos Açores, Terceira.

todos de fabrico minhoto recente, e não uma hipotética continuação de algum tipo local mais remoto. Esta recente atitude positiva para com o pequeno tetracórdio poderá ser um desenvolvimento tardio relacionado com o movimento de revivalismo da música tradicional portuguesa (desde 1974), incluindo a inevitável influência de Júlio Pereira,⁴² em combinação com uma maior disponibilidade de instrumentos fabricados no norte de Portugal continental.

Apêndice

Violeiros açorianos fabricantes de cavaquinhos:

Século XIX:

Luíz José Nunes, Rua do Meio N° 14, Ponta Delgada, S. Miguel.⁴³

Luís José Nunes & F.os (c.1850?), Rua do Meio N° 14, Ponta Delgada, S. Miguel.⁴⁴

Luís José Nunes Jr. (1882) (citado Almeida 1990: 115).

Luiz José Nunes Junior (1884), Rua direita da Fonte N° 12, Ponta Delgada, S. Miguel.⁴⁵

Luis José Nunes, Rua Direita da Calheta 44 a 48, Ponta Delgada, S. Miguel.⁴⁶

Século XX:

Augusto César Furtado, Rua do Conselheiro Medeiros, Horta, Faial.⁴⁷

<https://picasaweb.google.com/103793839201735644391/RealExtudantinaDosAcores02#5392509823892640482> Acessado 17 de Maio, 2016.

Tunídeos, Tuna Masculina da Universidade dos Açores, Ponta Delgada (desde 1994).

http://www.tunideos.com/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=13&Itemid=25 Acessado 17 de Maio, 2016.

⁴² Pereira, Júlio. 1981. *Cavaquinho*, LP Diapasão (DIAP 20001).

⁴³ Rótulo de viola: “Luíz José Nunes / Fabricante / de / Violas, Rebecas, Cavaquinhos / Guitarras, Violões etc. / Rua do Meio N.º 14 Ponta Delgada / S. Miguel.” (Almeida 2010: 146).

⁴⁴ Rótulo de decacórdio pertencente a Manuel Morais: “N.º 2170 / Luiz Jose Nunes & F.os / Fabricantes / de / Violas, Rebecas, Cavaquinhos / Guitarras, Violões etc. / Rua do Meio N.º 14 Ponta Delgada / S. Miguel.”

⁴⁵ Rótulo de guitarra portuguesa com cabeça de cão (1884): “Luiz José Nunes Junior/ Fabricante de/ Violas, Rabecas/ Cavaquinhos/ Guitarras, Violas Guitarras, Violas francesas, Bandurras/ Bandolins/ violoncellos, etc./ Rua direita da Fonte, 12, Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel”

<http://www.cml.pt/cml.nsf/artigos/9D544FF6EE77E12180257A79004E7B61> Acessado 13 de Abril, 2013.

⁴⁶ Rótulo de guitarra portuguesa: “Nº 220/ Luis José Nunes/ Fabricante de instrumentos músicos de corda/ Rua Direita da Calheta 44 a 48/ Ponta Delgada S. Miguel Açores/ / Premiado com menção honrosa de 1ª classe na/ Exposição Distrital de Ponta Delgada de 1895./ Premiado com medalha de ouro na Exposição/ de Indústrias Artes e Ciências de Ponta Delgada/ de 1901/ / 12 – 10 –1910” [data manuscrita]

⁴⁷ Rótulo de guitarra portuguesa com cravelhas (início de 1900s): “Augusto César Furtado/ Fabricante de Violas, Guitarras, Violões, Cavaquinhos/ Bandurras, Bandolins, etc./ Prontidão e esmero/ Rua do Conselheiro Medeiros/ Horta, Fayal.”

José de Medeiros, R. Direita, S. Roque (Almeida 2010: 132).

José de Medeiros, Pico das Canas, S. Roque (Almeida 2010: 132).

Manuel de Medeiros, R. Belém de Baixo 2-A, S. Roque, S. Miguel (Almeida 2010: 136).

António de Medeiros, Canada de Belém de Baixo, S. Miguel (Almeida 2010: 138).

Serafim Silva, Santa Cruz da Graciosa.⁴⁸

Século XXI:

José de Freitas Serpa, Ilha das Flores.⁴⁹

José Agostinho Serpa, Ilha das Flores.⁵⁰

António Nunes Mota, Santa Bárbara, Angra do Heroísmo, Terceira

Manuel Soares Melo, 296-883-934 (via Rafael Carvalho 30 de Abril, 2016).⁵¹

Luís Medeiros (via Rafael Carvalho 30 de Abril, 2016).⁵²

Colecções institucionais/ particulares:

Cavaquinho feito em Santa Maria pertencente ao Conservatório Regional de Ponta

Delgada (via Rafael Carvalho 30 de Abril, 2016).⁵³

Cavaquinho de dois corações feito por Luís Medeiros, pertencente a Rafael Carvalho (via Rafael Carvalho 30 de Abril, 2016).

⁴⁸ <http://blogues.publico.pt/emviagem/2016/04/02/serafim-guarda-a-musica-da-graciosa-nas-suas-violas/>

Acessado 14 de Maio, 2016.

⁴⁹ <http://ilhadasflores.no.sapo.pt/jose-freitas.htm> Acessado 14 de Maio, 2016.

⁵⁰ <http://joseserpa.no.sapo.pt/> Acessado 14 de Maio, 2016.

⁵¹ <https://vimeo.com/64484244> Acessado 14 de Maio, 2016.

⁵² https://www.facebook.com/luis.medeiros.7359?ref=br_rs Acessado 14 de Maio, 2016.

⁵³ https://www.youtube.com/watch?v=g_HYd-pE68s Acessado 14 de Maio, 2016.